

A violência como factor de vulnerabilidade segundo os adolescentes. Estudo em contexto escolar.

Marta Angélica Iossi Silva¹ & Beatriz Oliveira Pereira²

O objectivo deste estudo foi compreender como é que os adolescentes escolares percebem a violência em suas diferentes formas e expressões e em que medida cada uma destas dimensões é percebida como factor de vulnerabilidade. O estudo é de natureza qualitativa e os dados foram colhidos por meio de entrevistas semi-estruturadas aplicadas a adolescentes dos 12 a 18 anos. A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo temática baseando-se em princípios hermenêutico-dialéticos. A violência social, em particular a delinquência juvenil, comunitária e escolar é apontada enquanto um factor de vulnerabilidade o que nos leva a considerar que para impedirmos a sua (re) produção, as iniciativas sóciopolíticas devem procurar responder aos desafios de tirá-la da clandestinidade; compreender melhor o seu processo de produção e formar profissionais da saúde e da educação comprometidos na sua resolução.

1. Introdução

A adolescência constitui um período da vida onde, se manifesta a interacção entre os aspectos sociais, culturais e biológicos, além de um potencial para o desenvolvimento de novas habilidades e oportunidades que se configuram no conjunto de características que dão unidade ao fenómeno dessa fase do desenvolvimento.

O Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA], Lei n.º 8.069/90 (Brasil, 2007), circunscreve a adolescência como o período de vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade. Já a Organização Mundial da Saúde (Organização Mundial da Saúde [OMS], 1997) delimita a adolescência como a segunda década de vida – 10 aos 19 anos. Para este estudo adoptamos a faixa etária estabelecida pelo ECA.

¹ Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Pós-Doutoranda no Instituto de Estudos da Criança/IEC – Universidade do Minho, Portugal. Bolsista CAPES/Processo n. 0841080.

² Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho – Portugal.

Cabe destacar que hoje o ponto de partida para qualquer abordagem na adolescência é compreendê-la como uma fase específica do desenvolvimento humano, caracterizada por mudanças e transformações múltiplas e fundamentais que se associam àquelas de âmbito psicossocial e cultural, onde o adolescente deva ser visto como um sujeito social construído na adversidade da sociedade.

... pode-se dizer que os conceitos de infância e adolescência são constituídos por elementos de três ordens: o tempo, a natureza e a cultura, ou seja, eles referem-se a três dimensões: sua variabilidade histórica, biológica – mudanças na natureza física e psíquica do ser humano – e cultural – que são os significados, funções e valores atribuídos a cada uma das idades da vida (Santos, 1996, p. 145).

Portanto a concepção do ser adolescente deve estar pautada em uma visão sistémica e construtivista do processo de adolecer, onde o sujeito desse processo seja visto dentro de suas necessidades, singularidades e interações com o seu contexto familiar e social, em um dado momento histórico e cultural.

A proposta de atenção e protecção integral na adolescência é intervir nesse processo por meio de acções que satisfaçam as necessidades dos adolescentes e permitam o desenvolvimento de competências e habilidades, possibilitando assim, a redução da sua vulnerabilidade.

A noção de vulnerabilidade procura particularizar as diferentes situações dos sujeitos em três planos analíticos, individual, social e institucional, cuja pretensão é a busca da síntese, em contraste com o carácter eminentemente analítico do conceito de risco, pedindo, portanto, olhares para múltiplos planos e, em particular, para estruturas sociais vulnerabilizantes ou condicionantes de vulnerabilidades, reconhecendo a determinação social dos problemas e as adversidades vividas na atualidade por um contingente significativo de adolescentes (Ayres, França, Calazans & Saletti, 2003; Sánchez & Bertolozzi, 2007).

O conceito de vulnerabilidade pode ser definido, segundo Ayres et al. (2003) como:

... movimento de considerar a chance de exposição das pessoas ao adoecimento como a resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos, contextuais, que acarretam maior suscetibilidade à infecção e ao adoecimento, e de modo inseparável, maior ou menor disponibilidade de recursos de todas as ordens para se proteger de ambos. (p. 123)

Apesar das mudanças verificadas no âmbito legal, com o reconhecimento cada vez mais alargado dos direitos sociais desta parcela da população, temos, como

contraponto, a potencialização da problemática de adolescentes em situação de vulnerabilidade social e pessoal, nos centros urbanos, nas instituições e no interior de seus lares no que concerne a violência contra e entre adolescentes.

O fenómeno da violência é um fenómeno sócio histórico considerado, na actualidade, como um grave problema de saúde pública, constituindo-se na principal causa de morbi-mortalidade na adolescência (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima & Martinelli, 2002; Waiselfisz, 2004; Assis, Deslandes & Santos, 2005); tida como um fenómeno polissémico, a violência vem atingindo indistintamente todos os grupos sociais e faixas etárias, apresentando-se os indivíduos ora como vítimas ora como agressores.

Para alguns pesquisadores (Costa & Bigras, 2007; Minayo, 2002; Njaine, Assis, Gomes & Minayo, 2006) é um fenómeno complexo e controverso, representado por acções de indivíduos, grupos, classes e nações. Assim, Minayo (2005, p. 73) considera este fenómeno como “violências” (no plural), sendo estas, manifestações de conflitos sociais com raiz na estrutura social, económicas e política.

Cabe sublinhar que se destacam, no universo da adolescência, diferentes níveis de expressão da violência (World Health Organization [WHO], 2002; Assis, Deslandes & Santos, 2005; Minayo, 2005; Brasil, 2006), assim definidas:

- Violência social – aquela à qual os sujeitos são submetidos por uma acção ou omissão de outrem (de grupos, de classes, sociedade, nações) que os leva a danos físicos, emocionais, morais, espirituais (a si próprios ou aos outros), a exemplo dos homicídios, suicídios, acidentes e agressões.
- Violência estrutural, referente àquela que se sustenta nas desigualdades sociais, estando relacionada a situações de miséria e pobreza, característica das sociedades marcadas pela dominação de classes e por enormes desigualdades na distribuição de renda. A violência estrutural incide sobre a condição de vida dos adolescentes, possuindo um carácter de perenidade, o que lhe confere certa “naturalidade” como se não houvesse nela a acção de sujeitos.
- Violência institucional, acto violento ou omissão que ocorre dentro das instituições que recebem adolescentes, seja para protecção, reabilitação, tratamento, socialização, educação (a exemplo das unidades de saúde, hospitais, abrigos, unidades de medidas sócio educativas, prisões, orfanatos, escolas), caracterizando-se por meio de atitudes agressivas, negligentes e cruéis que causem danos físicos, emocionais, sexuais e, por vezes, até a morte.
- Violência delinquêncial, que se manifesta no que a sociedade considera crime.

- Violência comunitária, aquela que ocorre no ambiente social ao se praticar, presenciado, vivenciado com actos como roubos, assaltos, violações, homicídios, tráfico de drogas, agressões físicas.
- Violência doméstica, todo acto ou omissão praticado por pais, familiares ou responsáveis, sendo capaz de causar danos físicos, sexuais e /ou psicológicos - implica, de um lado, uma transgressão de poder/dever de protecção do adulto e, de outro, uma negação do direito que adolescentes têm de ser tratados como sujeitos em condições peculiares de desenvolvimento.

Neste sentido, a violência a que os adolescentes estão sujeitos na sociedade e, em particular, na escola, não pode ser desinserida da violência percebida no meio social. Na escola esta pode ainda assumir formas específicas, a exemplo do *bullying* entre pares. O *bullying* é o abuso sistemático do poder. É uma forma de comportamento agressivo, entre pares, usualmente maldosa, deliberada e persistente, podendo durar semanas, meses ou anos, sendo difícil às vítimas defenderem-se a si próprias (Sharp & Smith, 1994; Pereira, 2001). Caracterizando-se por ser continuado e intencional, o *bullying* parece afectar os jovens no seu desenvolvimento e manifesta-se em particular nos recreios escolares. Ainda neste sentido, o insucesso escolar parece estar associado ao aumento percentual de crianças envolvidas com *bullying*, sejam enquanto agressoras ou vítimas (Pereira, 2002; Pereira, Mendonça, Neto, Valente & Smith, 2004).

A violência, portanto, apresenta-se possuindo uma dimensão social com raízes macroestruturais. Manifesta várias formas e faces e encontra-se diluída no quotidiano sob diversas manifestações que se interligam, interagem, alimentam e fortalecem e, deste modo, permanece presente na sociedade (Minayo, 2005).

Mediante tal quadro, este estudo teve como objectivo compreender como os adolescentes percebem a violência em suas diferentes formas e expressões como um factor de vulnerabilidade, considerando sua complexidade e subjetividade.

Suportados nos objectivos desta pesquisa, procuramos responder às seguintes questões: como é que os adolescentes vêem a violência no âmbito escolar e social? Reconhecem esta violência como um factor que os vulnerabiliza? A que tipo de violência acreditam que estão expostos, considerando o contexto em que estão inseridos?

A relevância deste estudo parte do pressuposto de que mais do que um agente da violência, como muitas vezes é apontado pela própria sociedade ou *media*, o adoles-

cente vê-se como vítima deste fenómeno, que lhe confere não só uma vulnerabilidade individual mas, também, social.

A vulnerabilidade social está ancorada na ideia de que se trata da conjunção e da relação negativa entre a disponibilidade dos bens materiais ou simbólicos dos sujeitos (na sua expressão individual ou coletiva) e o acesso à estrutura de oportunidades e bens sociais, resultando, em uma significativa dificuldade e desvantagem para o desenvolvimento de competências e mobilidade social positiva do sujeito (Vignoli, 2001; Filgueira, 2001). A relação negativa também opera no processo de exclusão geracional a que a adolescência está exposta, seja no espaço estrutural de produção, no espaço doméstico, cívico ou comunitário (Sarmiento, 2001) delineando, assim, um quadro propulsor de vulnerabilidade à violência.

Isto posto, o presente estudo justifica-se uma vez que entendemos a adolescência como uma fase potencial de desenvolvimento humano, conjugando uma visão sistémica e construtivista do processo de adolescer. O sujeito deste processo deve ser visto dentro de suas singularidades e interacções com o seu contexto familiar e social, numa perspectiva de *empowerment*, ou seja, numa perspectiva que dê aos adolescentes o poder, a liberdade, a responsabilidade e a informação necessárias para que possam desenvolver suas competências pessoais e sociais, e participar activamente na tomada de decisões a respeito de sua vida em seus diferentes aspectos (Carvalho, 2006) e, assim, agregar respostas e perspectivas para o combate à violência nas suas diferentes manifestações.

2. Princípios metodológicos

Procurámos entender a realidade expressa pelas percepções desses adolescentes através da abordagem qualitativa, aqui entendida como aquela abordagem capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade inerente aos actos, às relações e às estruturas sociais, e como prática interpretativa que contempla os sentidos que os sujeitos atribuem aos fenómenos (Minayo, 2007).

O presente trabalho configura-se como parte de um projeto maior intitulado “O adolescente enquanto protagonista no seu espaço social”, por meio do qual buscamos compreender de que modo os adolescentes percebem sua realidade em termos da vulnerabilidade da sua saúde.

O campo de investigação, enquanto realidade a ser investigada e compreendida, foi constituído por duas escolas municipais de ensino fundamental, localizadas em freguesias da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, e que contam com um trabalho de extensão universitária e com acções de equipas de saúde da família, que têm vindo a ser realizadas, durante o ano, por grupos de educação em saúde com os adolescentes.

Essas freguesias correspondem a locais com uma alta concentração de pobreza, alta rotatividade de sua população e superlotação dos lares. Acresce-se a isso a escassez de capital social, de investimentos sociais, como redes de apoio, programas e equipamentos sociais, factores que vêm mantendo os níveis de desigualdade económica, cultural e social na região.

A recolha dos dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas e a amostra foi composta a partir dos seguintes princípios:

- i) privilegiar os adolescentes, nossos actores sociais, dos 12 aos 18 anos, que participam ou participaram em grupos de adolescentes na escola. Cabe ressaltar que se trata de grupos educativos para a prevenção e promoção da saúde por meio de uma metodologia participativa e lúdica assente na formação ética, teórica e metodológica. Esta formação visou criar mudanças positivas de atitudes e comportamentos entre os adolescentes e seus pares, numa perspectiva metodológica que vai além da capacidade de gerar informações, mas que considera, sobretudo, os processos sociais e culturais que ajudam o jovem a dar sentido aos seus valores, desejos, sentimentos e interesses, fortalecendo a auto-estima e a autonomia. Isso significa um cuidado relativo à escolha do local e do grupo; eles devem conter o conjunto das experiências e expressões que se pretende objectivar com a pesquisa;
- ii) tê-los em número suficiente para permitir a reincidência e homogeneidade das informações;
- iii) considerar a possibilidade de inclusões sucessivas de sujeitos até que, por saturação, seja possível uma discussão aprofundada das questões da pesquisa. Deste modo, a amostra não buscou uma representatividade numérica e sim um aprofundamento da temática (Gomes, 2007; Minayo, 2007).

Os adolescentes foram convidados a participar, espontaneamente, das entrevistas individuais na própria escola. Para tanto, explicámos a cada adolescente entrevistado, de forma clara e objectiva, o que pretendíamos e falámos, também, sobre a necessidade de gravação das entrevistas, pedindo-lhes permissão para esse efeito,

por meio da assinatura de um termo de consentimento livre esclarecido, assinado por eles e por pais ou responsáveis.

Os sujeitos desta investigação foram 17 estudantes do 5º ano ao 8º do ensino básico. Quanto ao sexo e faixa etária, 9 (nove) eram meninos; destes 3 (três) tinham 12 (doze) anos; 2 (dois) 13 (treze); 2 (dois) 14 (catorze) anos; 1 (um) 16 (dezasseis) e 1 (um) 17 (dezassete) anos; 8 (oito) participantes eram meninas 2 (duas) tinham 12 (doze) anos; 3 (três) 13 (treze); 1 (uma) 14 (catorze) anos; 1 (uma) 15 (quinze) e 1 (uma) 16 (dezasseis). O total de 17 entrevistas foi alcançado considerando-se a saturação da amostra, ou seja, quando os dados obtidos passaram a apresentar, uma certa redundância ou repetição, desta forma, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados. As informações fornecidas por novos entrevistados “pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados coletados” (Fontanella; Ricas & Turato, 2008, p. 17).

Em termos de tratamento dos depoimentos, utilizou-se o método de análise de conteúdo temática (Minayo, 2007; Bardin, 2002), o qual se baseia em operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, na descoberta dos diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação e, posteriormente, no respectivo reagrupamento em classes ou categorias.

A trajetória analítico-interpretativa percorreu os seguintes passos:

- contato exaustivo com o material, procedendo, inicialmente, à leitura geral e compreensiva das entrevistas, buscando as primeiras familiarizações com o conteúdo, sem, no entanto definir classificações (leitura flutuante);
- apreensão das particularidades do material gerado pela pesquisa original, identificação e recorte temático dos depoimentos acerca da seguinte questão: como é que a violência é vivida e percebida pelos adolescentes considerando a sua vulnerabilidade?
- organização do material, considerando critérios de exaustividade, homogeneidade e pertinência (constituição do corpus);
- determinação de palavras chave ou frases, recortes, modalidade de codificação e conceitos teóricos a serem analisados no estudo;
- exploração do material, visando alcançar os núcleos temáticos e, na sequência, correlacionar os núcleos de sentidos de cada fala; e (vi) elaboração da síntese interpretativa.

Para que a análise atinja a compreensão das significações e ultrapasse as tendências quantitativas, deve relacionar os significados e significantes, articulando a superfície dos textos, descrita e analisada, com os factores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem. Em ordem à análise dos discursos nos baseámos em princípios hemenêuticos-dialéticos que nos possibilitaram o confronto de diferentes posicionamentos na interpretação dos sentidos, uma vez que este método coloca a fala em seu contexto para compreendê-la a partir do seu interior e no campo da especificidade histórica e totalizante em que é produzida (Minayo, 2007). Assim, a hemenêutica-dialética permite-nos compreender a realidade expressa por estes adolescentes a partir de uma reconstrução histórica, objetiva e, ao mesmo tempo, subjetiva dos seus discursos, discernindo o sentido oculto num sentido aparente.

Para garantir o carácter sigiloso das informações e dos sujeitos, na transcrição dos depoimentos, os entrevistados foram codificados por letras onde, por exemplo, "E1AF13" refere-se à entrevista número um, da escola A, entrevistado do sexo feminino, 13 anos de idade; "E1BM14" refere-se à entrevista número um, da escola B, entrevistado do sexo masculino, 14 anos de idade, e assim sucessivamente.

O projeto de pesquisa do qual se insere este trabalho foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em cumprimento da Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil.

3. Resultados e discussão

Após o processo de organização do material recolhido nas entrevistas, das várias leituras deste material e de sua análise qualitativa, apreendemos, das falas dos adolescentes, dois núcleos temáticos, os quais serão trabalhados a seguir. Os núcleos temáticos identificados foram: "Toda gente precisa de condições" e "Aqui é muito violento"; assim, a discussão apresentada a seguir, procura interpretar o exposto pelos actores sociais entrevistados.

Apontar as raízes do multifacetado fenómeno da violência é um desafio que se coloca na actualidade. Segundo a WHO (2002, p. 12) podemos analisar ou explicar as raízes da violência tomando como base um modelo ecológico o qual enfatiza e delinea uma abordagem a partir de quatro níveis: os factores biológicos e pessoais

de cada pessoa; os factores relacionais, evidenciando-se as interacções sociais; os factores comunitários, por exemplo da escola e da vizinhança, como os altos níveis de desemprego, a presença de tráfico de drogas e de armas; e os factores sociais mais amplos, como as normas culturais que justificam a violência enquanto forma de resolver conflitos, o machismo e cultura adultocêntrica, normas que validam o uso abusivo da força pela polícia e a ineficiência das políticas de educação e saúde, económicas e sociais, que contribuem para manter desigualdades.

Nesta perspectiva tendo como base fundamental a compreensão do significado das falas por meio da fusão de horizontes, dos pesquisadores e dos sujeitos – hermenêutica – interpretando a realidade em seu contínuo desenvolvimento e mudança, e buscando apreender o fenómeno da violência em um contexto histórico – dialética – intentamos compreender a percepção dos adolescentes, sujeitos do presente estudo, quanto à interacção violência e vulnerabilidade.

Os diversos tipos de violência costumam se expressar de forma associada, conformando uma rede onde aquelas que expressam os conflitos do sistema social se articulam nos níveis interpessoais (Minayo, 2002). Na verdade, a violência que se apresenta na contemporaneidade desloca a ordem social evocando a ideia de desordem racional, moral ou social, mas, também, um factor de crítica e questionamento dessa ordem (Pino, 2007).

Considerando que toda a ordem social possibilita um ordenamento das relações económicas, sociais e políticas de uma dada sociedade, as violências social e estrutural, sustentadas nas desigualdades sociais e em acções ou omissões de outrem (que levam a danos físicos, emocionais, morais, espirituais a si próprios ou aos outros, a exemplo dos homicídios, suicídios, acidentes, agressões), representam efectivamente um factor de desestabilização.

Núcleo Temático – Toda gente precisa de condições

A desigualdade social presente na percepção dos adolescentes, mostra a incapacidade, política e administrativa, dos governos para desenvolver, na população, competências de cidadania e para garantir os seus direitos políticos, civis e sociais. A população, ao não reconhecer os seus direitos sociais, possibilita o aumento da violência social ou interpessoal. É este o sentido dos seguintes testemunhos:

Então, tem muitas famílias que não tem condição, porque eu queria assim, que o governo centrasse muito bem no que fazer ... Tem bolsa escola, bolsa família, mas a gente não precisa só disso, precisa de muito mais” (E4BF15).

“Não tem jeito... toda gente ganha muito pouco, meu pai por exemplo, não tem condições de sustentar a família, então nós passamos muita necessidade, as vezes a gente pensa até em fazer coisa errada, besteira ...” (E12AM14).

“Sabe para ficar mais protegida toda gente precisa de mais apoio, mais condições, mas o governo não vê isso” (E1BM13).

“Muitos adolescentes vivem numa condição completamente precária, fora ele não ter saúde, as crianças não tem escola, pais, ninguém, nem a casa dele não tem condições, daí a violência, o crime. (E4BF15)

O contexto em que os adolescentes vivem aponta para a conclusão de que violência não está dissociada do contexto social, urbano, relacional e familiar em que estão inseridos. Em suas reflexões, Engels (1981) questiona a idéia de se explicar a violência pela imposição da vontade e pelas relações políticas e considera que “o aspecto económico da relação é mais fundamental na História do que o aspecto político” (p. 166). Ao enfatizar os interesses económicos, Engels busca o significado da violência tendo em conta os meios e as condições materiais. Para ele, o exercício da violência e seus meios estão relacionados com o desenvolvimento da tecnologia, que se articula com a manutenção do poder e da propriedade.

Esse determinismo económico, no entanto, não é o único vértice a ser considerado, pois, no contexto histórico da violência, há que se encarar os interesses e determinantes económicos, culturais, sociais e políticos que se inter-relacionam, como apontam as seguintes citações das entrevistas:

Não só de dinheiro, mas o povo precisa de muita coisa né? Educação é o mais importante[...] educação traz tudo, traz o emprego, que traz alimento, que traz o dinheiro, pra compra alimento, vai atualizando a mente, que vai vendo as coisas, que vai pensando na vida. (E17BF16).

Às vezes eu queria ter mais coisas, que aqui tivesse oportunidade para nós, quem sabe não tinha tanto problema. (E12AM12)

O que vem contribuindo para o aumento do quadro de violência nas diferentes sociedades e contextos, está relacionado ao intenso crescimento e desenvolvimento populacional dentro de uma sociedade mal estruturada, onde a distribuição de renda e o acesso desigual aos bens sociais e de consumo, envolvem problemas de grande complexidade.

Neste sentido, a natureza do conceito de vulnerabilidade associado à violência, é um atributo que passa, necessariamente, por se inscrever não apenas nas relações económicas, políticas, culturais que configuram a estrutura de uma sociedade, mas, também, pelo processo de inclusão ou exclusão, dos adolescentes, das estruturas sociais. Diversos estudos afirmam que os condicionantes estruturais colocam ou aumentam a vulnerabilidade das pessoas ou grupos, e que a melhoria da situação sócio-económica das famílias, e a garantia de políticas e serviços sociais, diferenciados, ajustados e mais apropriados para cada caso, são mediações para diminuir esta vulnerabilidade (Mckay & Lawson, 2002; Abramovay, et al., 2002; Fundo das Nações Unidas para Infância [UNICEF], 2005; Sánchez & Bertolozzi, 2007).

Assim, os determinantes sociais, económicos e culturais somam-se aos factores familiares e individuais para a determinação da vulnerabilidade à violência. De entre os factores de relevância para sua ocorrência contra e entre os adolescentes, destacam-se os factores individuais - de género, temperamento, baixo nível educacional, agressividade interparental ou com os pares; contextuais ou sociais - práticas educativas inadequadas, punitivas e instáveis, com encorajamento e reforço para comportamento anti-social, qualidade das relações interparentais, estrutura monoparental, fracasso académico (Assis; Pesce & Avancini, 2006).

Núcleo Temático – “Aqui é muito violento”

No presente estudo, os adolescentes ainda situam a violência a que estão expostos em seu quotidiano, como fator de vulnerabilidade, seja no âmbito privado de seus lares ou no público, a exemplo da escola e das ruas:

É muito chato, porque quase todos os dias tem briga aqui na escola, na rua, no bairro, às vezes por besteira, porque uns querem ser melhor do que outros. (E14AF13)
“Vou dar um exemplo... um ano escolar acima, ele parece que tem o poder, os alunos pensam que tem mais poder do que o ano abaixo. Então o que acontece? Tem ameaças, tipo assim, ah vou te bater na rua, esse tipo de ameaça tá acontecendo sempre, e acho que isso acaba influenciando depois os menores, que vão para uma série acima, fazer isso com os de baixo [...] bate na hora da saída” (ESAM14).
“Aqui na escola às vezes tem muita briga, aqui dentro e lá fora. (E9BM16)

A violência contra e entre os adolescentes materializa-se nos diversos espaços sociais, porém, nos últimos anos, a escola vem sendo apontada com um dos principais locais de produção e reprodução de violências e indisciplinas nas suas mais

variadas formas, contrapondo a ideário do contexto escolar como um espaço de socialização e protecção.

O *bullying* nas escolas se delinea como uma problemática que merece atenção, considerando a crescente produção académica sobre o tema (Sharp & Smith, 1994; Pereira, 2001; Pereira, et al., 2004; Pereira, 2006; Miranda, 2004; Chrispino, 2007). Cada vez mais se repercute a ideia de que as escolas estão se tornando territórios de agressões e conflitos. Notícias sobre homicídios, ameaças, agressões e uso de armas em estabelecimentos de ensino surgem em diversas partes do mundo, intensificando a percepção de que esse deixou de ser um território protegido.

Iniciativas significativas de enfrentamento da violência na escola surgem em todo mundo, tendo como foco a promoção dos direitos fundamentais, a protecção integral, a inserção e a integração de adolescentes na escola.

Neste sentido, as escolas devem se incentivar a desenvolver o seu “bom clima”, buscando desenvolver sua capacidade relacional entre si e a comunidade; um modelo de gestão inovadora, aberta a mudanças; a valorização de todos os componentes da comunidade escolar; o trabalho colectivo; a participação da família e comunidade nas actividades e a construção do sentido de pertença de seus pares (Assis; Deslandes & Santos, 2005).

Nos debates sobre vulnerabilidades contemporâneas e adolescência, é comum se ressaltar a exposição a diversos tipos de violências e vitimação (Abramovay et al., 2002; Waiselfisz, 2004) considerando, em particular, a alta incidência de mortes por causas externas (homicídios e acidentes) entre os jovens.

Os adolescentes sujeitos deste estudo, situam, ainda, a violência urbana, caracterizada sobretudo pelos acidentes e homicídios, como outro facto que os coloca frente a situações de vulnerabilidade:

Tem muita gente aqui, principalmente jovem morrendo de acidente, acho que eles gostam de correr perigo”. (E2AM13)

“Tenho muitos amigos que já sofreram acidentes, fora aqueles que estão presos ou que já mataram, por isso que agora estou de boa... quietei” (E16BM17)

“ Você vê todo dia nas notícias adolescentes morrendo , matando, se envolvendo em crime, aqui mesmo é assim... (E6AM13)

Os adolescentes percebem, seja no seu quotidiano mais próximo ou não, a violência social, a delinquência e a violência interpessoal como um factor que os vulnerabiliza, que coloca uma margem ténue entre a própria adolescência (“*acho que eles gostam*

de correr perigo") e a acção que os exclui e os vitimiza ou os faz réu ("*adolescentes morrendo, matando*".)

Para entendermos a dinâmica e manifestação deste tipo de violência, é preciso um aprofundamento teórico reflexivo face à questão da delinquência social e institucional, as quais não devem ser analisadas como um conjunto de factos e causas isoladas, vinculadas à falta de controlo dos indivíduos, mas como um fenómeno societário complexo que envolve não só o crime enquanto transgressão, mas as relações entre as forças sociais e políticas da sociedade assim como as relações entre pares. As relações sociais não podem, portanto, ser compreendidas fora da dinâmica da sociedade que as produz, uma vez que elas se nutrem de factos políticos, económicos e culturais traduzidos nas relações quotidianas que, por serem construídos por determinada sociedade, e sob determinadas circunstâncias, podem ser por ela desconstruídos e superados.

A violência social, o *bullying* entre pares, a delinquência juvenil, entraram na ordem do dia da nossa sociedade, sendo apontados como uma das principais preocupações da população, sobretudo das grandes cidades, constituindo-se em um ingrediente importante e irrefutável na dinâmica urbana contemporânea, onde os adolescentes se vêem envolvidos.

4. Conclusões

Embora estar vulnerável a alguma situação seja próprio do ser humano, só muito recentemente este conceito foi retomado, ajudando a clarear os objectivos e contribuindo para a estruturação, realização e avaliação do trabalho junto dos adolescentes.

A violência nas suas mais diversas expressões, enquanto factor de vulnerabilidade para os adolescentes, leva-nos a considerar que, para impedirmos a sua (re) produção, as iniciativas sóciopolíticas devem responder aos desafios de reconhecê-la e identificá-la com clareza; devem compreender melhor o processo de produção desse fenómeno e formar profissionais da saúde e educação competentes e socialmente comprometidos na sua resolução.

As acções passíveis de potencializar a redução da violência pressupõem: ferramentas e referências criativas na atuação do Estado e sociedade civil, na implementação de acções flexíveis, solidárias e coesas, capazes, sobretudo, de articular múltiplos actores sociais e diferentes setores no sentido de propiciar uma melhoria na assistência à

saúde e educação; ampliação de programas de geração de emprego e renda; desenvolvimento social; acesso à cultura, desporto e lazer; incentivo e divulgação de boas práticas parentais; melhoria da infra-estrutura urbana e das condições socioeconômicas; programas e orientações dirigidos à mudança de atitudes e comportamentos e ao desenvolvimento de habilidades sociais, envolvendo, não só os sujeitos, mas também a família; e, finalmente, pressupõe-se que implementem políticas públicas que visem estimular valores e atitudes de paz e convivência saudável.

Referências bibliográficas

- Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. C., Lima, F. S., & Martinelli, C. C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO.
- Assis, S. G., Deslandes, S. F., & Santos, N. C. (2005). Violência na adolescência: sementes e frutos de uma sociedade desigual. In Brasil. Ministério da Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros* (pp. 79-116). Brasília: Ministério da Saúde. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- Assis, S. G., Pesce, R. P, Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Ayres, J. R. C. M., França Jr., I., Calazans, G. J., & Saletti Filho, H. C. (2003). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In Czeresnia, D., & Freitas, C. M. (Orgs.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências* (pp. 117-39). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Bardin, L. (2002). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2006). *Violência faz mal à saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- Brasil. Ministério da Saúde. (2007). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 3rd ed. Brasília: Ministério da Saúde.
- Carvalho, G. S. (2006). Criação de ambientes favoráveis para a promoção de estilos de vida saudáveis. In Pereira, B. O. & Carvalho, G. S. *Atividade física, saúde e lazer: a infância e estilos de vida saudáveis* (pp. 19-37). Lisboa: Lidel.
- Chripino, A. (2007). Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 15(54), pp. 11-28.
- Costa, C. O. M & Bigras, M. (2007). Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. *Ciênc. saúde coletiva*, 12(5), pp. 1101-1109.
- Engels, F. (1981). *Política*. São Paulo: Ática.
- Filgueira, C. H. (2001). Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social: proximaciones conceptuales recientes. In CEPAL. *Seminario Vulnerabilidad*. Santiago de Chile: CEPAL.

- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, 24(1), pp. 17-27.
- Fundo das Nações Unidas para Infância. (2005). *Situação das crianças e adolescentes na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai: desafios e recomendações*. Curitiba: UNICEF, ITAIPU Binacional.
- Gomes, R. (2007). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In Minayo M. C. S. (Org.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Petrópolis: Vozes.
- Mckay, A., & Lawson, D. (2002). *Chronic poverty: a review of current quantitative evidence*. Working paper, 15, Manchester: IDPM/Chronic Poverty Research Centre (CPRC).
- Minayo, M. C. S. (2007). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2005). *Relaciones entre procesos sociales, violencia y calidad de vida*. *Salud Coletiva*, 1(1), pp. 69-78.
- Minayo, M. C. S. (2002). O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In Westphal, M. F. (Org.) *Violência e criança* (pp. 95-114). São Paulo: EDUSP.
- Miranda, M. I. F. (2004). *Violência nas escolas sob o olhar da saúde: das indisciplinas e incivildades às morbidades por causas externas*. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado).
- Njaine K, Assis SG, Gomes R, Minayo MCS. (2006). Redes de prevenção à violência: da utopia à ação. *Ciênc. saúde coletiva*, 11(2), pp. 429-38.
- Organização Mundial da Saúde. (1997). *Saúde dos adolescentes: quadro conceitual e plano de ação 1998-2001 sobre saúde e desenvolvimento dos adolescentes nas Américas*. Resolução CD 40/21. Washington: OMS.
- Pereira, B. O. (2001). A violência na escola - formas de prevenção. In Pereira, B. O & Pinto, A. P. *A escola e a criança em risco: intervir para prevenir* (pp. 17-30). Porto: Edições ASA.
- Pereira, B. O. (2002). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. K. (2004). Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25 (2), pp. 207-222.
- Pereira, B. O. (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: diagnóstico e programa de intervenção. In Souza Neto, J.C., Nascimento, M. L. B. P. *Infância: violência, instituições e políticas públicas* (pp. 43-51). São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- Pino, A. (2007). Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. *Educação & Sociedade*, 28 (100), pp. 763-785.
- Santos, B. R. A. (1996). *Emergência da concepção moderna de infância e adolescência: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias* [dissertação]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Sarmento, M. J. (2001). Infância e exclusão social. In Pereira, B. O & Pinto, A. P., *A escola e a criança em risco: intervir para prevenir* (pp. 75-91). Porto: Edições ASA.
- Sánchez, A. I. M, & Bertolozzi, M. R. (2007). Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em Saúde Coletiva? *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(2), pp. 319-324.

- Smith, P., & Sharp, S. (1994). *School bullying: insights and perspectives*. London; New York: Routledge.
- Vignoli, J.R. (2001). *Vulnerabilidad y grupos vulnerables: un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes*. Santiago de Chile: CEPAL. (Serie Población y Desarrollo, n. 17).
- Waiselfisz, J. J. (2004). *Mapa da Violência IV. Os jovens do Brasil - juventude, violência e cidadania*. Brasília: UNESCO.
- World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: WHO.

Abstract

This study aimed to understand how adolescent students perceive violence in its different forms and expressions and to what extent these dimensions are perceived as vulnerability factors. This is a qualitative study and data were collected through semi-structured interviews with adolescents aged 12 to 18 years. Data were analyzed through content thematic based on dialectical-hermeneutical principles. Social violence, specifically youth delinquency, in the community and at school, is appointed as a vulnerability factor, which lead us to the conclusion that to impede its (re)production, social-political measures should aim at the challenge of exposing it; try to better understand its process of production and train compromised professionals to cope with it.

Résumé

L'objectif de cette étude a été comprendre comme c'est que les adolescents scolaires perçoivent la violence dans leurs différentes formes et les expressions et où mesurée chacune de ces dimensions est perçu mange facteur de vulnérabilité. L'étude c'est de nature qualitative, en utilisant mange technique de rassemble de données des entrevues semi-estruTURADAS à des adolescents de 12 à 18 ans. L'analyse des données a été réalisée au moyen de l'analyse de contenu thématique. La violence sociale, en particulier la délinquance juvénile, communautaire et scolaire est indiquée comme un facteur de vulnérabilité ce qui nous amène à considérer que pour empêcher sien (re) production, les initiatives sociopolitiques doivent chercher répondre aux défis l'enlever de la clandestinité; comprendre mieux son processus de production et former des professionnels compromis dans sa confrontation.